

Aldeia da psicologia: arte e acolhimento na pandemia de Covid-19

Village of psychology: art and reception in the covid-19 pandemic

Dianni Pereira de Oliveira

Mestrado em Educação e Licenciatura plena em Artes Visuais UFES/

Graduação em psicologia UNISALES/Brasil

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9014859506619003>

Fernanda Aparecida Thomes

Graduação em psicologia UNISALES/Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3435-1135>

Luiz Carlos Luchi

Graduação em psicologia UNISALES/Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0546-9839>

Thais Barbosa da Silva Almeida

Graduação em psicologia UNISALES/Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6783-4251>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.78.24

RESUMO

Este trabalho foi uma intervenção na área de Psicologia Social junto a um grupo focal de oito crianças com idades entre quatro e dez anos, bem como suas famílias, realizado como projeto de extensão da UNISALES – Centro Universitário Salesiano, numa proposta voltada para o atendimento de crianças que frequentam a rede de ensino público municipal da cidade de Vitória, no Espírito Santo. Essas crianças perderam seus espaços de socialização como a escola, os parques e ruas em virtude da necessidade do isolamento social imposto pela Pandemia de COVID-19. Diante dessa demanda social e impossibilidade de eventos presenciais, realizamos quatro encontros virtuais pela plataforma digital GOOGLE MEET com uma abordagem voltada para a Arte e seu potencial criativo, buscando desenvolver habilidades e competências dentro da zona de desenvolvimento esperado para crianças na faixa etária destacada.

Palavras-chave: arte. psicologia. infância. pandemia.

ABSTRACT

This paper was an intervention in the area of Social Psychology with a focus group of eight children aged between four and ten years, as well as their families, carried out as an extension project of UNISALES – Centro Universitário Salesiano, in a proposal aimed at the care of children who attend the municipal public education system in the city of Vitória, Espírito Santo. These children lost their socialization spaces such as schools, parks and streets due to the need for social isolation imposed by the COVID-19 Pandemic. Faced with this social demand and the impossibility of face-to-face events, we held four virtual meetings on the GOOGLE MEET digital platform with an approach focused on Art and its creative potential, seeking to develop skills and competences within the development zone expected for children in the highlighted age group.

Keywords: art. psychology. childhood. pandemic.

INTRODUÇÃO

Uma Aldeia como lugar de produção de sentido(s)

A ideia de comunidade reúne em si mesma o sentido de unidade, onde todos partilham alegrias e desafios, alimentos para o corpo físico, mental e espiritual. Com o advento das cidades, no contexto da pós Revolução Industrial, observamos um processo progressivo de desagregação dos grupos que partilham a vida e os modos de viver comunitário, tal como ainda observamos nas aldeias indígenas e outras comunidades originais. Nas comunidades hodiernas observa-se um movimento de encastelamento, sobretudo com a verticalização das habitações humanas simbolicamente atrelada ao movimento de voltar-se unicamente para si num sentido mais egocêntrico que de autoconhecimento em uma primeira análise. A tecnologia, por outro lado, busca agregar simbolicamente pessoas em torno de todo o planeta por meio da internet e sobretudo das redes sociais, mas esse movimento é cada vez mais distante da ideia de aldeia proposta pelos povos nativos originais, sendo que a pandemia de Covid-19 deixou ainda mais evidentes os distanciamentos humanos, sociais e econômicos, convocando cada sujeito a

repensar seus valores, suas prioridades e escolhas. Tal como uma película de cinema que descortina os acontecimentos diante de nossos olhos, temos a impressão de estarmos vivendo os últimos dias da vida no planeta, num cenário distópico e ameaçador.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, p. 13)

Diante do quadro desenhado por Ailton Krenak, começamos a entrecruzar fios de ações, gestos e palavras, por meio da arte e da psicologia; fios que pudessem (re)unir crianças como um símbolo de resistência e busca de maneiras para adiar esse fim do mundo esboçado pela pandemia. Em uma concepção mais orgânica e original, fizemos a proposta de uma aldeia onde fosse possível buscar nas vivências mais simples e puras os sentidos que escapassem à dureza da realidade pandêmica. Assim surgiu a Aldeia da Psicologia, um projeto integrador das disciplinas do terceiro período de Psicologia Noturno da UNISALES que trabalhou com um grupo de oito crianças matriculadas na rede municipal de ensino da cidade de Vitória, Espírito Santo, em um contexto de isolamento social e perda de espaços de trocas simbólicas impostos pelo primeiro ano de enfrentamento da pandemia de COVID-19. Este relato de experiência apresenta uma pesquisa teórico-prática que contou com a plataforma Google Meet para viabilizar encontros virtuais entre os proponentes do trabalho e o público atendido. Buscamos estabelecer diálogo com alguns autores da Psicologia Social e do Desenvolvimento para nos ajudar a pensar melhores formas de abordagem ao público pretendido para o projeto. Para balizar o aporte teórico sobre Desenvolvimento Infantil dialogamos com Papalia e Feldman (2013); no campo da Psicologia Social nos apoiam Silvia Lane (1984); Ana Bock, Odair Furtado e Maria de Lourdes Teixeira (2008); Elaine Neiva e Túlio Mauro (2011) e Bartholomeu Tróccoli (2011). Para estabelecer uma ponte entre a Psicologia Social e a Arte, buscamos dialogar com Rosa Iavelberg (2006) para compreender a influência da cultura na produção artística da criança.

O público assistido pela Aldeia está na faixa etária dos quatro aos dez anos de idade, os quais perderam seus espaços de socialização em virtude do isolamento social imposto pela Pandemia de COVID-19, crianças que se encontram na etapa de desenvolvimento chamada terceira infância (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Na abordagem piagetiana, essas crianças estão na fase operatória-concreta, que “[...] fazem uso de operações mentais para resolver problemas concretos (reais)” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 324). Desse modo, encontramos crianças em idade escolar, no primeiro ciclo do ensino fundamental, com capacidade cognitiva para seguir instruções para desenhar, colar, dobrar, cortar e pintar, utilizando ferramentas como tesoura, pincel e tinta.

APORTE TEÓRICO

Ao analisarmos os aspectos cognitivos e psicomotores das crianças dessa faixa etária encontramos poucas variáveis ligadas à genética ou mesmo aos hábitos alimentares e da prática ou não de atividades físicas de cada uma. Por outro lado, quando analisamos os aspectos

psicossociais, podemos inferir variáveis mais amplas e determinantes que se intensificam no isolamento social, como os comportamentos agressivos, inquietação ou agitação, presença de medos que não se justificam e até mesmo regressões às fases já superadas como chupar dedo ou enurese noturna. De uma maneira geral, as consequências da Pandemia de COVID-19 são sentidas em todas as idades, no entanto, entre crianças talvez elas mostrem seu lado mais cruel; elas perdem seus espaços de trocas simbólicas como a rua, o parque e a escola, onde podiam brincar e correr livremente, com os amigos e colegas, além de perderem o convívio com parentes como avós, tios e primos de mesma idade.

Concordamos com Silvia Lane (1984, p. 14) quando amparada nos escritos de Kurt Lewin nos diz que “[...] indivíduo e meio são indissociáveis”, assim, o meio social em que a criança vive é determinante para definir seu comportamento e resposta a estímulos que recebe do meio. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2008, p. 186) “para existirmos, precisamos atuar sobre o mundo, transformando-o de acordo com as nossas necessidades. Ao fazer isso, estamos construindo a nós mesmos”. Nesse contexto a Arte colabora de maneira significativa na produção da subjetividade, da forma como cada sujeito pensa a si mesmo e seus modos de atuação no mundo.

As vivências através da Arte constituem uma importante forma de abordagem para facilitar um canal de comunicação entre as crianças e as proponentes do projeto, para que possamos ter acesso ao que as crianças pensam sobre si mesmas e os outros, em suas relações com o meio, no conjunto de suas percepções (TRÓCCOLI, 2011). Com isso, buscamos que essas crianças tivessem a oportunidade de falar e refletir sobre suas realidades, para desenhar linhas de fuga (DELEUZE, 1998) que fossem capazes de fazer fugir, mesmo que por instantes, das angústias da realidade; como a criança que habita em nós frente ao maravilhoso espetáculo do circo, na fantasia que dura apenas alguns momentos mas pode semear esperança de dias melhores, mais coloridos.

Compreendemos que a criança é um constructo social (BENJAMIN, 2002) e, portanto, produto do meio social em que vive, produzindo a si mesma e ao mundo de acordo com os fragmentos que encontra ao seu redor. Desse modo, a Arte pode vir a ser a linha que costura o sonho à realidade, fazendo tomar corpo os desejos e imanências que habitam tão somente o mundo das ideias. Concordamos com Rosa Iavelberg quando nos diz que “[...] o conceito de desenho está diretamente relacionado com aquilo que é socialmente transmitido através do ‘horizonte de experiência’ do meio onde a criança vive.” (IAVELBERG, 2006, p. 24). Nesse contexto realizamos uma intervenção que buscou estabelecer diálogo entre a Arte e a Psicologia Social como modo de produzir sentido para crianças de quatro a dez anos, em uma realidade pautada pela ausência do Estado em situação de Pandemia mundial.

METODOLOGIA

Aldeamento artístico na prática da psicologia: meios e métodos

Adotamos como método a Pesquisa Participante que para Pedro (DEMO, 2004, p. 43)

Busca a identificação totalizante entre sujeito e objeto, de tal sorte a eliminar a característica de objeto. A população pesquisada é motivada a participar da pesquisa como agente ativo, produzindo conhecimento, e intervindo na realidade própria. A pesquisa torna-se instrumento no sentido de possibilitar à comunidade assumir seu próprio destino.

Ao longo do trabalho mantivemos um Diário de Bordo com o Planejamento diário de cada ação interventiva, adicionando anotações sobre os fatos que ocorriam para colaborar num melhor entendimento da proposta durante sua execução. A escolha por este método de trabalho qualitativo “[...] procedimento que trata de decompor o fenômeno, o problema ou assunto em partes tal modo que essas partes se organizem em sua recíproca dependência, procurando estabelecer as relações que estabelece entre as partes.” (LEITE, 2008, p. 208) se deu pelo fato de permitir maior interação entre os proponentes e o público alvo, estabelecendo uma via de mão dupla de produção e análise de dados.

Pensando na demanda social dos sujeitos participantes do projeto, acreditamos que a psicologia social em conjunto com propostas artísticas pode contribuir muito com o processo de desenvolvimento das crianças. Nossa proposta ofereceu oportunidade de trocas simbólicas por meio da escuta, acolhimento e validação das narrativas trazidas pelas crianças. Destarte, o profissional da Psicologia pode ajudar no relacionamento entre as crianças e suas famílias, sobretudo nesse difícil momento de isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Compreendemos a importância desses momentos pois nem sempre essas crianças teriam oportunidade de ter acesso a esses serviços, pois em outros espaços eles seriam pagos. Destacamos, nesse caso, a falta de oportunidade que é um fator real em nosso país e se torna cada vez mais marcante como desigualdade social, juntamente à falta de investimentos em educação e políticas públicas.

Com a impossibilidade de um evento presencial, realizamos quatro encontros virtuais, uma vez por semana, com duração aproximada de 1 (uma) hora cada, sendo desenvolvidas propostas de pintura de autorretrato, criação de dioramas (pequenos “mundinhos” de papel), armaduras de papel com desenhos e colagens e massinha de modelar caseira; propostas artísticas usadas como forma de abordagem para demonstrar formas criativas e positivas de expressar emoções, proporcionando momentos de escuta e acolhimento dessas crianças. Todos os encontros foram acompanhados pela professora demandante do projeto que mediou o acesso do grupo às famílias e suas crianças. Cada encontro desenvolveu habilidades e competências específicas do ponto de vista motor (desenho, recorte, colagem), cognitivo (modelagem, organização espacial e compositiva) e psicossocial em suas abordagens como a questão da identidade no autorretrato, do reconhecimento e enfrentamento dos medos na construção das armaduras de papel, da elaboração de pequenos mundos e uso da criatividade nos modos de construção de si, bem como da capacidade de orquestrar ingredientes simples e caseiros para criar a massa de modelar alternativa à que se oferece como simples produto à venda. Todos os recursos materiais como papéis brancos e coloridos, tintas, tesoura, cola e materiais para a massinha caseira foram disponibilizados pelos integrantes do grupo de Psicologia para viabilizar a participação das

crianças, sem nenhum custo às famílias. Nosso acesso às crianças e suas famílias se deu pela mediação de uma professora que lecionou a disciplina de Artes para as crianças em um Centro Municipal de Educação Infantil na cidade de Vitória, o qual atende comunidades de baixa renda da capital. Mesmo com a finalização do ciclo da educação infantil, a referida professora de Artes manteve contato com algumas mães, sobretudo por aplicativo de conversa pelo celular, o que facilitou o acesso do grupo da Psicologia ao público atendido.

Como objetivos da proposta destacamos o acolhimento e validação das narrativas trazidas pelas crianças, por meio de momentos de escuta, produção e experimentação de propostas artísticas; a oportunidade de expressar sentimentos e emoções por meio da Arte; a promoção de trocas simbólicas das crianças entre elas mesmas e também entre os proponentes do trabalho, na condução dos momentos de produção artística e de compartilhamento das experiências vividas a cada encontro; além de contribuir com a autonomia das crianças envolvidas na proposta, fazendo-as perceber que possuem capacidade de escreverem e atuarem histórias diferentes daquelas que muitas vezes são desenhadas para crianças de periferia, levando-as a assumir o protagonismo de suas vidas, como coautoras da realidade social do lugar onde vivem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante desse cenário, nossa primeira oficina foi de pintura do autorretrato, para que fossem discutidas questões relacionadas a identidade, reconhecimento de si e pertencimento. Durante toda a apresentação da proposta a professora que nos colocou em contato com o grupo de crianças estava presente, sendo em muitos momentos procurada como referência, sobretudo das famílias. Ao longo da oficina muitos trabalhos nos chamaram a atenção, em especial o da Criança A (5 anos) que desenha legumes que ela não come. A professora destacou que três dias antes deu carona para a criança e sua mãe e a conversa no carro foi sobre legumes e sua importância na alimentação. Acreditamos que essa conversa ficou marcada na memória da Criança A, um assunto abordado na mesma semana cuja importância fez com que ela quisesse trazê-lo em sua pintura. Outro destaque das produções é o da Criança B (6 anos) que fez seu autorretrato de máscara. A criança falou da importância de seu uso na pandemia e de como se sente usando-a. Acreditamos que esse elemento tenha aparecido em seu desenho porque no kit de Artes que entregamos havia também máscaras e álcool em gel.

Desenho 1 - Criança B de máscara (esquerdo) e criança A com legumes que ela não come (direita)



Fonte: Arquivo próprio.

A segunda oficina trouxe a proposta de criar pequenos mundos de papel e foi iniciada contextualizando a ideia de mundo antes e depois da pandemia de COVID-19, destacando o fato de que antes da pandemia o mundo não era perfeito, mas agora a realidade era muito mais dura e difícil. Assim, convidamos as crianças a pensarem como o mundo poderia ser se nós o pudessemos criar. As crianças se envolveram com muita facilidade, percebemos as famílias muito envolvidas, as mães ajudando a cortar os papéis; foi quando perguntamos o que eles levariam para seus mundinhos e a Criança D (6 anos) logo respondeu: “Saúde!” A percepção das crianças é a que toma contato direto com a liberdade da vida, assim como os artistas, elas não se prendem às limitações impostas para criar. Na outra ponta dessa narrativa, a Criança A (5 anos) desenhou um cemitério; sua mãe não conseguia dizer o que era, embora soubesse, pedimos que a criança falasse sobre isso e ela nos respondeu: “Ué, precisa de cemitério em qualquer mundo, né?” Por que em seu mundo não? “A morte faz parte da vida, não é?” Como dizer a ela que tantas mortes poderiam ser evitadas? Nós também não saberíamos dizer. Como sabiamente nos ensinou Friedrich Nietzsche “A arte existe para que a realidade não nos destrua.”

Desenho 2 - Mundinhos de Mateus (esquerda) e Pyetro (direita)



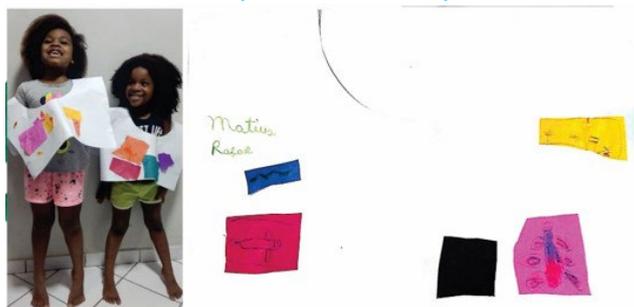
Fonte: Arquivo próprio.

Na terceira semana, o encontro trouxe a proposta de ouvirmos a história de Dom Quixote e como ele enfrentou seu medo, os moinhos de vento. Após o momento da história começamos a mostrar quais materiais iríamos usar para criar uma armadura de papel. A abordagem verbal direcionou questões iniciais como “quais são seus medos” e na resposta da pesquisadora “eu tenho medo de barata”, seguida da ação de desenhar em papel colorido uma barata e recortá-la para colar na armadura de cartolina branca previamente preparada. Logo a Criança A (5 anos) disse ter medo do palhaço do Mc Donald’s e de assassinato. Com esse relato, outras crianças começaram a falar de seus medos, como a Criança C que disse ter “medo do escuro de quando falta luz”. O interessante desse relato é que quando anoitece ou estamos em um ambiente escuro, podemos acender a luz e tudo ficar certo, mas se faltar energia não tem jeito. O medo é de não ter jeito, medo de ficar sem solução. Quantas vezes nossas crianças ficam sem solução para algo?

Outra criança disse que tinha medo das folhas secas que caem na primavera e ao perguntar o motivo ela disse que era porque lembravam larvas de fogo. Os medos aparecem principalmente quando são úteis, o medo de larvas de fogo pode impedir a criança de brincar com o fogo e até mesmo se afastar quando estiver perto demais. Reforçamos que tudo bem ter medo, que eles fazem parte da nossa construção, compartilhando a ideia de que quando crescemos alguns medos desaparecem e surgem outros, que a partir daquele dia iríamos todos enfrentar

nossos medos, assim como Dom Quixote e sua armadura.

Fotografia 3 - Armaduras da Criança E (esquerda) e da Crinaça D (direita) armadura da criança C (extrema direita)



Fonte: Arquivo próprio

A quarta e última oficina buscou valorizar as crianças em seu aspecto individual. Para isso destacamos e valorizamos seus nomes como algo pessoal e de alto valor. Ainda nesta proposta de valorização das personalidades de cada um, conduzimos a reflexão de que algo externo, como um chapéu ou uma roupa, não altera o que temos de maior valor: nossa própria pessoa. As crianças interagiram bem à dinâmica e uma delas construiu um coração com suas mãos ao ouvir nossa fala de que temos muito valor dentro de nós. Assim as convidamos para que expressassem sua criatividade e tudo de bom que possuíam na atividade que se seguiria. Iniciamos então o preparo de massa caseira à base de trigo, sal e óleo, seguindo logo após com a adição das cores retiradas das tintas guache. Interessante que uma atividade que parecia complexa, sendo feita à distância em vídeo conferência, tornou-se divertida e bem descontraída. Crianças que inicialmente demonstraram desconforto em manejar a massa pastosa, superaram esta resistência e seguiram a atividade com bastante empolgação. Aprendizados como a importância de todas as cores foram observados, bem como o companheirismo expresso na possibilidade de trocar as massinhas, caso estivéssemos em um ambiente presencial. Fechamos a atividade com a criação dos personagens e a posterior história contada pelas crianças, algo que evidenciou bastante a criatividade e diversidade em cada uma delas.

Fotografia 4 - Personagens feitos com masinha de modelar caseira (criança C)



Fonte: Arquivo próprio

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aldeia, pontes e possibilidades: reflexões e conclusões

A Aldeia da Psicologia nasceu do desejo de alcançar crianças alijadas do convívio social imposto pela Pandemia Global de COVID-19. Buscamos acolher e validar as narrativas verbo-

-visuais trazidas pelas crianças, em seus desenhos, esculturas, modelagens e histórias, oportunizando a expressão de sentimentos e emoções, promovendo seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial em atividades que propiciaram interação, exercício da coordenação motora e organização espacial de materiais em objetos simbólicos. Durante todas as oficinas as crianças se envolveram nas propostas trazidas pelos integrantes do grupo, contribuindo de maneira verbal e visual em suas criações artísticas, compartilhando experiências em cada encontro. Embora tivéssemos um grupo de 8 crianças, apenas 5 participaram efetivamente do trabalho, sendo que as demais atestaram ter outros compromissos no momento dos encontros. Acreditamos que nosso trabalho contribuiu de maneira profícua com a autonomia das crianças, nossas propostas foram lúdicas, dentro da faixa etária do público atendido e os áudios enviados por meio das famílias no grupo virtual nos deu uma devolutiva muito positiva do trabalho realizado. Muito mais que uma tribo, a Aldeia da Psicologia se mostrou com potencial para abarcar as diferenças com respeito, acolhimento e Arte para criar novas possibilidades, mesmo em um cenário distópico como o da Pandemia de COVID-19. Concluímos com a possibilidade da construção de pontes que façam dialogar com os saberes produzidos nos espaços acadêmicos e os sujeitos fora dos muros desses lugares, para que ele não seja reduzido a simples conhecimento, mas que possamos aprender com os reais habitantes de aldeias, onde tudo pertence a todos e serve a todos.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. O medo, a ansiedade e as suas perturbações. *Psicologia*, Lisboa, v. 19, n. 1-2, p. 267-277, 2005. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 out. 202

BENJAMIM, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo, Duas Cidades; Ed. 34, 2002, 176 p.

BOCK, A.M.B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M.de L.T.. *Psicologias: Uma introdução ao estudo da Psicologia*. 14. Ed. São Paulo: Saraiva, 2008. 368 p.

DELEUZE, Gilles.; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de E. A. Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998, 193 p.

DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: saber pensar e intervir junto*. Liber Livro Editora, Brasília, 2004, 140p.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras, São Paulo; 1ª edição, 2019, 64 p.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n.2, p.72-92, ago.2011 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 24 out. 2020.

IABELBERG, Rosa. *O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores* / Rosa Iavelberg. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006. 108 p.

KOHL, Tatiani Müller. *Tramando sonhos: infâncias e representações*. / Tatiani Müller Kohls; Denise Marcos Bussoletti, orientadora, Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Educação,

Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018, 133 p. Disponível em <file:///C:/Users/rbers/Downloads/Tatiani%20M%C3%BCller%20Kohls.pdf> Consultado em 24 de Out. de 2020

LANE, S.T.M A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In: LANE, S.T.M; CODO, W. (Orgs). Psicologia Social: O Homem em Movimento. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 10-19.

LEITE, Francisco Tarciso. Metodologia Científica: métodos e técnicas de pesquisa, monografias, dissertações, teses e livros. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008. 318 p.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. Desenvolvimento humano 12 ed, Porto Alegre: AMGH, 2013. 800 p.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 15 ed. São Paulo: Cortez, 2007. 132 p.

TRÓCCOLI, Bartholomeu T. Cognição Social In: TORRES, Cláudio Vaz; NEIVA, Elaine Rabelo. (Orgs.). Psicologia Social: Principais temas e vertentes. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 79-99.